

UNIDADE DA DIVERSIDADE: MISCIGENAÇÃO CULTURAL

Cláudia Caroline Pereira de Oliveira; Georgina Ariane Rodrigues Sarmiento; Dayana Soares Araújo Paes

Universidade Federal de Roraima, reitoria@ufrr.br

Resumo do artigo: Este artigo foi elaborado a partir do resultado de uma intervenção artística realizada em três lugares na cidade de Boa Vista-RR, sendo dois em locais públicos (Universidade Federal de Roraima e Praça Fabio Marques Paracat), e outro em espaço privado (Pátio Roraima Shopping). A obra denominada de “Unidade da Diversidade”, realizada no âmbito da disciplina de Seminários Temáticos em Artes Visuais I, da Universidade Federal de Roraima e que fez parte da II Mostra de Arte Contemporânea, teve como objetivo trazer à reflexão sobre o preconceito que alguns grupos sociais sofrem. Para tratar esse tema, durante a intervenção, houve a incorporação de novos elementos/objetos utilizados entre as diversas culturas, principalmente a indígena, visto que, em Boa Vista, parte da população faz parte deste contexto social e, devido ao uso de objetos de não índios, como um celular, por exemplo, surgem questionamentos quanto a pertencer ou não a esta cultura. A obra final consistiu em quatro pessoas feitas em esculturas de papel em tamanho real. Cada uma delas representava alguma cultura (nordestina, gaúcha, indígena e afro) e utilizavam acessórios umas das outras. Como exemplo, um afro tinha um chimarrão ou um nordestino estava com adereços indígenas. Todos tinham um objeto em comum, um celular, e em torno disso, trazemos a discussão sobre a diversidade cultural, refletindo que por mais que utilizemos acessórios que fazem parte de outras culturas, não significa que deixemos de pertencer à nossa. Para tanto, utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa, onde foram empregadas pesquisas bibliográficas em teses, dissertações, livros, artigos e recortes de jornais de notícias locais, sendo utilizado enquanto referencial teórico Stuart Hall (2006) que aborda sobre identidade cultural na sociedade moderna, Fleuri (2003) com os estudos interculturais voltados para a educação, Braz (2003) trazendo a sua vivência intercultural enquanto índio Macuxi e; Silva (2016), que traz uma explanação quanto a uma pesquisa realizada no estado de Roraima. Para o referencial artístico, trazemos William Kurtz que faz do jornal reciclado seu aliado no momento da criação, transformando pessoas comuns em obras de arte com pedaços de papéis, jornais, arames, madeiras e fitas, o que nos auxiliou para criar a obra em questão. Além da exposição nos três lugares citados anteriormente, enquanto resultado, pudemos observar a interação do público tanto com as esculturas quanto com os objetos. As pessoas se identificavam e interagem de forma a usar os objetos que estavam expostos. Também se notou o debate acerca do tema. Devido a isso, acreditamos na relevância deste trabalho, no que diz respeito ao cotidiano do estado de Roraima, por ter pessoas que moram neste lugar e que vieram de várias regiões. Além disso, também percebemos a importância de fomentar as artes na região, pois o estado ainda é carente de produção artística cultural contemporânea, visto que é um estado relativamente novo, comparado aos demais do país.

Palavras-chave: Diversidade cultural, Intervenção artística, Cultura indígena, Roraima.

1. Introdução

Neste artigo apresentaremos o resultado de uma intervenção artística realizada no estado de Roraima que aborda sobre o preconceito sofrido por alguns grupos sociais, sendo o indígena um dos mais atingidos. O trabalho se originou a partir da disciplina de Seminários Temáticos em Artes Visuais I, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal de Roraima ministrada pela professora Dayana Soares, que tinha como um dos objetivos do plano de aula, discutir sobre arte

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

contemporânea, tendo como enfoque a Intervenção e Instalação e, como atividade final, elaborar uma obra. O resultado das discussões em sala de aula culminou em cinco produções artísticas realizadas pelos acadêmicos matriculados na disciplina.

O presente artigo vai tratar somente de uma das obras realizadas, denominada de “UNIDADE DA DIVERSIDADE”, bem como a construção do seu processo criativo, teórico e resultados finais. O objetivo deste trabalho é trazer à tona uma reflexão a respeito da diversidade cultural de Roraima, visto que o preconceito contra os indígenas é uma situação muito presente no cotidiano do estado, implícito no discurso da maioria das pessoas. Esse tema influenciou diretamente na construção simbólica do trabalho artístico podendo ser de grande relevância para a construção do conhecimento científico, artístico e cultural.

A obra é composta pela representação de quatro pessoas de culturas diferentes, onde cada uma utiliza objetos da cultura da outra, com o intuito de mostrar que mesmo que uma pessoa utilize elementos de outra cultura, não perde a sua. As esculturas foram feitas em tamanho real, na posição sentada, com tonalidades da cor da pele diferentes, portando acessórios que remetem às culturas em destaque no Brasil, sendo as escolhidas para esta obra a indígena, gaúcha, afro e nordestina. Também foi inserido um objeto em comum para todos os bonecos, mostrando que este se faz presente em todas as culturas representadas: um aparelho celular, a fim de se fazer pensar um pouco mais que, com a incorporação de novos elementos, a cultura passa por transformações, ou seja, é algo que se re-significa o tempo todo. Utilizaremos alguns autores que discutem estas questões como: HALL (2006), BRAZ(2003) e FLEURI(2003). Já para a criação da obra, utilizamos como referencial artístico os autores: ADAMI(2011) e ARANTES(2007).

2. Diversidade cultural no Estado de Roraima

Sabe-se que o estado de Roraima possui uma carga cultural bastante diversificada, pois sua formação populacional depende de pessoas de inúmeros lugares do Brasil e também de outros países, além dos habitantes que já residiam na região, os indígenas. Isso se dá devido a sua localização geográfica, um estado de fronteira com a Venezuela e Guiana. Essas características podem ser observadas na análise da pesquisadora SILVA (2016) em que aponta aspectos da diversidade presente em Roraima:

Boa Vista – RR é a única capital brasileira que possui a totalidade de seu território localizada no Hemisfério Norte. Além da diferença geográfica do restante do Brasil, Boa Vista caracteriza-se pela diversidade cultural na sua constituição populacional. É a capital de Roraima que acolhe a maioria dos imigrantes e emigrantes que para estas terras nortistas escolhem viver.

Para falar de Boa Vista e de sua

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

constituição cultural é preciso falar de Roraima. Além da Linha do Equador, no extremo norte do Brasil o estado de Roraima é composto por 10 etnias indígenas, que contabilizam, segundo o Conselho Indígena de Roraima (CIR) 17% de sua população. Dentre estes povos, 30 mil indígenas vivem nas aldeias e 25 mil nas cidades. Os outros 83% da população do estado é composta por pessoas oriundas dos diferentes estados brasileiros, principalmente as regiões Norte e Nordeste, e dos países da Venezuela e Guiana Inglesa que fazem fronteira com o mesmo, conforme dados do IBEG (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, CENSO, 2010). Tendo se tornado Estado Federado do Brasil em 1988 com a Constituição da República, Roraima vive, ainda de forma intensa, sua construção econômica/social/cultural e política. Assim como o restante da Amazônia, a história de Roraima, mesmo antes de se tornar estado, é marcada por práticas exploratórias que buscavam apropriarem-se de suas riquezas naturais, provocando um movimento migratório intenso de brasileiros e estrangeiros e a morte de muitos indígenas que aqui viviam. (...) Dos 505.665 habitantes de Roraima, cerca de 222.000 são oriundos de outros estados brasileiros sendo o Norte, Nordeste e Sul os mais expressivos, e 320.714 vivem em Boa Vista. (SILVA, 2016, p. 6)

Este grande fluxo populacional proporciona ao estado uma rica cultura, um mesclado de costumes, tradições e crenças, que se relacionam entre si, surgindo novos conceitos. Apesar da beleza do discurso, esses fenômenos, na prática, se dão de forma tensa no que diz respeito à realidade indígena. Nos dias atuais, ainda existem casos de preconceito por parte da população não indígena, o que é um fato contraditório, levando em consideração a formação populacional do local, onde grande parte da população é indígena. Podemos citar alguns exemplos disso, conforme episódios que ocorreram entre os anos de 2015 a 2017 na capital, sendo um deles na Universidade federal de Roraima, onde um grupo de estudantes indígenas sofreu discriminação, onde foi notificado que “os estudantes foram hostilizados por um grupo de alunos não indígenas que proferiram em voz alta palavras ofensivas e depreciativas, discriminando-os pela maneira de comer, de vestir e pela aparência física”. (SANTIAGO, 2016). Outro caso, considerado mais grave por envolver situação de risco de vida, foi a situação da indígena e seu bebê que foram queimados, ficando com graves ferimentos, pois segundo o jornal Folha de Boa Vista, houve “uma tentativa de homicídio, após jogarem uma garrafa contendo material inflamável com um tecido na ponta que incendiou a rede onde dormiam e causou os ferimentos nas vítimas. A garrafa foi arremessada por cima do muro” (SALES, 2017).

Com essas atitudes, podemos perceber a que ponto pessoas preconceituosas podem chegar. E é baseado nessa intolerância que entraremos em uma discussão sobre como a cultura pode influenciar em comportamentos negativos de algumas pessoas na sociedade. É possível ouvir de muitas pessoas frases como: “índio que usa celular não é mais índio”; “que índio é esse que não fala português e anda vestido? ”;

“Tudo andando de carrão. Isso não é mais índio”. Devido à repressão que o indígena vem passando desde que os europeus fizeram os primeiros contatos, estes, por vezes, “vêm -se obrigados a negarem suas origens e entrarem no ritmo da cidade e de imediato fazer chacota, gozar da cara de quem assume sua identidade cultural” (BRAZ, 2003 p. 153), conforme podemos ver no cotidiano roraimense. Isso pode ocorrer devido ao processo de construção histórica do estado, onde essa situação pode facilmente ser justificada, pois percebe-se uma trajetória marcada por muitos conflitos e guerras pela disputa de terras. Conforme Melo (2014, p.5), desde o século XVII, “existem registros de conflitos entre povos indígenas e “brancos”, arrastando-se até os dias atuais as problemáticas sociais que posicionam os dois grupos em constante choque”.

O pesquisador BRAZ (2003) também analisou outros aspectos em que é possível notar um dos motivos pelos quais os indígenas sofrem discriminação. Em seu trabalho, ele aponta para o fato de que a imprensa na década de 80 e 90 contribuíram em muito com a formação da opinião popular. Braz traz em sua dissertação de mestrado, um texto escrito em 1999, no jornal O Diário, em que é típico exemplo de situações de cunho anti-indigenista. A seguir os comentários do autor em relação ao texto publicado na época. O discurso sugerido pelo autor de que não existe mais índio é assimilado pela sociedade boavistense, que mesmo vivendo uma relação intercultural, propala que o índio residente na cidade não é mais índio. O autor, de forma preconceituosa diz:

o índio que usa calça jeans e relógios deveria se envergonhar de usar cocar e empunhar arco e flecha, ridículos em suas cabeças e mãos, ...Para teatralizar. Percebemos nessa citação, a crítica feita com a forma que os índios da cidade ou mesmo os das aldeias usam nos momentos de reivindicações, fazendo com que esta representação dos indígenas seja vista como algo que estes devam se envergonhar porque de certa forma, foram “assimilados” pela sociedade não índia. (BRAZ, 2003 p. 144).

Nota-se que estes pensamentos se refletiram até os dias atuais e estão enraizados no pensamento popular. Sendo assim, as autoras da obra buscaram trazer e retomar a perspectiva da intercultural, diversidade e identidade, estudada por muitos teóricos nos últimos tempos, apropriando-se dos conceitos existentes e trazendo-os à realidade do estado, numa tentativa de criticar o pensamento que pode se apresentar dentro de uma perspectiva equivocada.

Os bonecos pintados em quatro cores diferentes remetem à algumas tonalidades de pele existentes no país e no estado de Roraima e, os acessórios, representam algumas das inúmeras culturas existentes no Brasil: indígena, afro-

brasileira, nordestina e gaúcha. Vale lembrar que a quantidade em número de representações na obra não representa a real quantidade existente no país, nem foi a intenção das artistas reduzir as diversas manifestações culturais a somente essas, mas sim representar as de maior presença no estado. Com isso, a proposta foi a de permitir um novo olhar à cultura, antes vista de uma maneira, e agora retratada com uma nova configuração. Sendo Roraima um local onde existe certa mistura, uma miscigenação cultural, onde o ser passa a identificar-se em várias identidades. Situação a que todos estão sujeitos, inclusive os indígenas. A troca dos acessórios de várias culturas na obra vem trazer à tona esse aspecto da ressignificação, a de possível permuta entre costumes e tradições, sem deixar de lado os aspectos considerados mais importantes de sua própria cultura, conforme observa-se no trecho abaixo, segundo BRAZ (2003):

Neste convívio existe uma certa troca cultural, onde muitos objetos usados pelos índios também são usados pelos não-índios em Boa Vista, embora alguns possam mudar o valor, por exemplo, as panelas de barro produzidas pelos índios e que são usadas na aldeia para o preparo de alimentos, na cidade são usadas por muitos não índios como peças ornamentais; o jamaxim é usado como um instrumento de trabalho usado pelos índios, já pelos não-índios, é usado também, como peça ornamental. Celino diz em seu depoimento que os índios já fazem parte de Boa Vista e admite que jamais irão viver só na aldeia. Em seu depoimento, ele deixa implícito a hibridação que existe em Boa Vista. (BRAZ, 2003, p.122).

Ao realizar a intervenção, destacamos que os bonecos perdem seu sentido se expostos à longa distância um do outro, pois juntos pretendem retratar um grupo de amigos que partilham um momento, uma cena típica do cotidiano da atualidade. Um conjunto de pessoas diferentes na sua essência, que são capazes de conviver e aceitar suas distinções. Para FLEURI (2003) esse pensamento:

(...) nos coloca (...) face a face com o estranho, com a diferença, com o desconhecido, que não pode ser reconhecido, nem apropriado, mas apenas conhecido na sua especificidade diferenciadora. Não se trata de reduzir o outro ao que nós pensamos, ou queremos dele. Não se trata de assimilá-lo a nós mesmos, excluindo sua diferença. Trata-se de abrir o olhar ao estranhamento, ao deslocamento do conhecido para o desconhecido, que não é só o outro sujeito com quem interagimos socialmente, mas também o outro que habita em nós mesmos. (FLEURI, 2003, p.16).

Muitos dos acessórios também representam culturas que vêm de diversas regiões do país, dando visibilidade aos migrantes, pessoas que há muito tempo se deslocam de um lugar para outro carregando consigo a bagagem cultural, transformando o local de destino. Conforme nos diz HALL (2006):

Essas pessoas retêm fortes vínculos
com seus lugares de origem e suas

tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são negociadas com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (...) (HALL, 2006, p. 88-89).

Outro elemento que se destaca na obra são os aparelhos eletrônicos que cada boneco possui em suas mãos, algo em comum entre eles, se comparado ao restante dos objetos que compõem o trabalho. Eles retratam um fenômeno que vem acontecendo desde o século passado, o processo de globalização, que se intensificou através das tecnologias, e também com o surgimento da internet. Evento esse que está sujeito a uma quantidade absurda de pessoas pelo mundo, onde todos podem ser influenciados do lugar onde se encontram, conforme HALL (2006, p.37). Este autor ainda comenta que a maioria das pessoas, mesmo em lugares muito distantes, podem receber em seus lares, “as mensagens e imagens das culturas rica, consumistas, do oriente, fornecidas através de aparelhos de Tv ou de rádios portáteis, que as prendem à “aldeia global” das novas redes de comunicação”. O autor diz com isso surgem identidades com efeitos pluralizantes e diversas, ou seja, menos fixa.

3. Intervenção artística: um movimento novo em Boa Vista-RR

Quanto à linguagem artística escolhida para a exposição das ideias, trata-se de uma estrutura interventiva, específica da contemporaneidade. Pois para um melhor impacto social, a intervenção pode ser uma maneira adequada de exprimir alguma inquietação e que causa desconforto ou não no espectador. Como descreve NOVAIS (2010) que diz:

O objetivo principal de uma intervenção é criar tensão na trama urbana, buscando suscitar novas possibilidades e utilidades do lugar, e principalmente, o de questionar o ato de ver, propondo a não neutralidade, assim como provocar atitudes no espectador, destituindo de sua posição passiva, neutra e distante. (NOVAIS, 2010, p.46).

A pesquisadora SILVA (2012) em sua tese de doutorado também traz outras ideias a este conceito e complementa o pensamento anterior, destacando a questão temporal da obra e a relação da mesma com o ser que a constrói e a contempla e uma aproximação da arte e vida. Conforme descreve:

Intervenção Urbana é um diálogo com o espaço urbano, uma intervenção no mesmo, normalmente provisória, efêmera. (...) Ao instalar a obra em espaço público o artista tem uma nova relação com a própria fruição da mesma, pois, ao contrário do espaço da galeria ou do museu, onde o espectador está preparado para se “relacionar” com a arte; nas ruas a arte se impõe como uma experiência, muitas vezes

inesperada, às vezes até mesmo, indesejada. O espectador da Intervenção Urbana é o cidadão comum, pego de surpresa em meio ao seu dia-a-dia por uma experiência artística. É dentro deste contexto que a participação do espectador acontece quando se trata de uma Intervenção Urbana. (...) A Intervenção Urbana promove a quebra de barreiras entre arte e vida. Ao apropriar-se do espaço urbano, ela dialoga diretamente com a vida da cidade em que se instala, fazendo as barreiras entre arte e vida se diluírem. (SILVA, 2012, p. 215).

Sendo assim, a linguagem da intervenção perpassa diretamente pelos estudos de arte contemporânea, e pode ser de real importância para a consolidação ou mesmo para os passos iniciais deste mercado no estado de Roraima. Pois, sabe-se que o movimento de arte contemporânea ainda é fraco no cenário de artes em Boa Vista- RR.

Enquanto que a partir da década de 60, já se discutia sobre os novos rumos que a “nova arte” estava tomando ou sobre o possível fim da arte e o fim dos movimentos de vanguarda e a expansão de novas manifestações artísticas (SANTAELLA, 2009), Boa vista ainda se estabelecia enquanto cidade e recebia as primeiras construções que dariam a este lugar uma característica mais urbanizada, ao passo em que ainda era introduzido um contexto de arte à mesma. Exemplos disso são a construção do palácio da cultura, concluído em 1974 (MARTINS, 2010, p. 95) e a fundação do herbário MIRR em 1985 (GOMES, 2005, p. 1).

Trazendo a discussão para um contexto mais atual, nota-se que o debate em torno de artes ainda é pequeno. Somente no ano de 2009 a Universidade Federal de Roraima implantou o curso de artes visuais na cidade Boa Vista, através da Resolução nº008/2009-CUni, contemplando mais uma área do conhecimento dentre as demais existentes (OLIVEIRA et al., 2014, p.5). O que gerou, por consequência, um debate maior em torno de desse assunto que era abordado pelo senso comum das pessoas e de forma tradicional, trazendo um discurso mais científico e valorizando assim o ensino de arte na contemporaneidade, conforme consta no Projeto Político Pedagógico do curso:

O conhecimento dentro do campo das Artes Visuais é muito mais do que aquele circunscrito pelos processos artísticos tradicionais. Ao adotar essa nomenclatura, busca-se provocar uma mudança qualitativa e quantitativa nos processos educacionais atuantes na cultura roraimense. (OLIVEIRA et al., 2014, p. 12)

Desde então, alunos e professores promovem mostras de artes, exposições que buscam dar visibilidade ao Curso de Artes Visuais e também apresentar novas faces da arte contemporânea no Estado de Roraima. Um exemplo é o da disciplina que gerou a construção deste trabalho, que procura através de seu plano de ensino levar à comunidade trabalhos com teor contemporâneo, para que assim, as pessoas

possam ter uma aproximação maior com a arte do seu tempo. Como a intervenção artística dos acadêmicos do Curso Wellmar e Tafinis, realizada no ano de 2016, na qual mudou a rotina de quem passava no local em que foi exposta e ganhou destaque nos jornais locais, conforme segue:

Quem passar pela Praça da Cultura, localizada na avenida Ene Garcez, vai se deparar com uma manifestação artística inusitada. Os estudantes Wellmar Roth e Tafinis Said, do curso de artes visuais da Universidade Federal de Roraima, quiseram dar um visual diferente ao local, além da premissa da arte como meio para questionar e transformar a vida urbana cotidiana. Como parte do projeto ‘Olhares que fazem a diferença’, os estudantes vestiram uma estátua que simboliza os indígenas do Estado com uma beca universitária. Segundo os alunos, a proposta é apresentar uma reflexão sobre as visões que os não índios têm dos povos indígenas. (CARVALHO, 2016)

Com base no que foi exposto acima, a obra “UNIDADE DA DIVERSIDADE”, carrega consigo um misto de influências artísticas e teóricas, como uma forma de expor uma ideia, um conceito. O nome da obra, por exemplo, foi inspirado em um termo encontrado nas considerações finais de ARIAS(2002), traduzido em seu sentido literal, em que conta uma história sobre o surgimento do arco-íris, conforme segue no trecho destacado:

Así nació el arco íris; conjunción de la diversidad, del color y de la luz, diciéndonos que esta es la muestra más hermosa de la unidad de diverso. (...) El arco íris nos ayuda a entender que aun siendo distintos, es posible que sigamos brillando con luz propia, que podemos estar unidos a pesar de ser diferentes, que no hay luminosidad más profunda y más hermosa, que la unidad de la diversidad. (ARIAS, 2002, p. 129)

Essa história também nos ajuda a compreender ainda mais sobre o significado da obra, que busca exaltar a diferença do povo “roraimado” e roraimense (termos usados para quem veio de outra cidade ou país e passam a viver em Roraima), através de uma linguagem que pretende aproximar o espectador da arte contemporânea, e também fazer refletir sobre suas atitudes para com o próximo, exalta a riqueza da diversidade.

4. Processo de criação da intervenção “Unidade da Diversidade”

Para a construção da obra foram necessários os seguintes materiais: fita adesiva transparente de 48mmx40m, filme de PVC transparente de 30mx28cm, cola branca, tinta acrílica, corante líquido, objetos que representam a cultura indígena, gaúcha, afro e nordestinos, aparelhos de celular e roupas. Para a elaboração dos bonecos foi utilizado o molde do corpo de uma das acadêmicas integrantes deste trabalho, Claudia Oliveira. Ao iniciar o processo, primeiramente, o filme PVC foi enrolado na extensão do corpo em que se pretendia trabalhar, formando uma camada fina para

receber a fita adesiva. Em seguida, a fita transparente foi enrolada, por pelo menos três vezes, sobre o PVC para dar consistência ao formato desejado. Para a retirada do molde, foi utilizada tesoura com o auxílio de um pincel. Após esse procedimento, todas as partes foram unidas com fita, resultando em um boneco frágil e transparente. Para dar resistência, o mesmo foi preenchido com papéis e jornais. Depois desta etapa, foi iniciado o processo de Papietagem, uma técnica que consiste na sobreposição de várias camadas de papel que são coladas uma sobre a outra com cola (ARANTES, 2007, p. 65) sendo esta técnica utilizada para o revestimento do corpo.

Com a utilização desses materiais percebeu-se uma certa semelhança com inúmeros trabalhos de arte em que autores usam da reciclagem para dar vida às suas obras. Um dos casos é o artista William Kurtz, que faz do jornal reciclado seu aliado no momento da criação. Este artista, que possui formação em arquitetura, atua transformando pessoas comuns em obras de arte. Para isso, ele utiliza um aparelho celular, registra a imagem desejada e cria a obra com pedaços de papéis, jornais, arames, madeiras e fitas. (GOT IDEA, 2016)

Outra característica que possui um traço de semelhança é a maneira de como são retratados os corpos, em tamanho real (figura 1). A escolha da retratação do ser humano como parte visual central da obra é acompanhada de um processo histórico em que é natural e muito comum sua utilização, não só por artistas de renome, mas também para outras áreas do conhecimento humano, segundo ADAMI (2011).



Figura 1: Banner de divulgação de uma das exposições com imagem da obra finalizada onde cada boneco possui acessórios de diferentes culturas.

Fonte: acervo Dayana Soares, 2017.

6. Resultados

Devido a obra ter sido exposta em três lugares diferentes (Universidade Federal de Roraima, Praça Fabio Marques Paracat e Pátio Roraima Shopping), teve o alcance e participação de um grande público. Como esta também fez parte da II Mostra de Arte contemporânea, se fez uma boa divulgação na mídia local, causando então o debate sobre a proposta temática, que é a diversidade cultural e preconceito.

7. Considerações Finais

Após a finalização da obra e exposição, pensamos que alcançamos o objetivo de se fazer refletir sobre as “trocas culturais”, a incorporação de novos objetos, como um meio de ressignificação do modo de vida de muitos grupos sociais. Ao mesmo tempo que um gaúcho pode usar acessórios indígenas, comer farinha, tomar açaí, ainda assim permanecerá gaúcho. Assim como também, um indígena que tomar chimarrão, usar jeans, computador e celular, também permanecerá indígena. Desta forma, a partir do momento em que se observam os bonecos em tamanho natural, ocorre uma identificação, intensificando essa sensação quando encontram-se elementos que são inerentes à sua cultura, ou seja, quando vejo os bonecos com celulares ou outros acessórios que utilizo no cotidiano, sendo estes bonecos “indígena, negro, gaúcho ou nordestino”, me percebo como um ser cultural que insere em sua vida novos elementos que tem vontade de usar, de usufruir, sem perder a base cultural.

REFERÊNCIAS

ADAMI, Flávia. **A Hibridação entre Performance e Fotografia: Um estudo sobre a performance, a fotografia e o artista Luiz Rettamozzo.** Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba, Embap, 2011. 10 p. Disponível em: <<http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/anaisvii/076.pdf>>. Acesso em: 20 de mai 2017.

ARANTES, Marlene Costa. **Arte em Papel Mache e Papietagem e o Papel do Educador em Arte: Uma trajetória rumo a sensibilização e conscientização ambiental.** 2007. 153 p. Dissertação(Mestrado em Educação, Arte e História)- Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. Disponível em: < <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2691>>. Acesso em: 20 de mai 2017.

ARIAS, Patricio Guerrero. **La Cultura: Estrategias conceptuales para entender la identidad, la diversidad, la alteridade y la diferencia.** Abya- Yala: Quito- Equador, 2002. 129 p.

BRAZ, A. A. S. **Relações Interculturais: A vivência do índio macuxi em Boa Vista (anos 80 – 90).** 2003.

194p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000067.pdf>> Acesso em: 12 de mai de 2017.

CARVALHO, Raisa. **Estudantes fazem intervenção em praça pública.** FOLHA WEB. . Boa Vista- RR, 26 de jul de 2016. Disponível em: < <http://www.folhabv.com.br/noticia/Estudantes-de-Artes-Visuais-fazem-intervencao-em-praca-publica/18564>>. Acesso em: 20 de mai 2017.

Federal do Pará, 2014. Disponível em: < http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402014448_ARQUIVO_ArtigoLucianaMeloABA.pdf>. Acesso em: 20 de mai 2017

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e Educação.** Rev. Bras. Educ. maio/junho/julho/agosto de 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 12 de ago de 2016.

GOMES, Núbia Abrantes. **Herbário do Museu Integrado de Roraima - Mirr: Coleção Científica.** Resumo apresentado para o 56º Congresso Nacional de Botânica, Universidade Federal de Roraima, 2005. Disponível em: < <http://www.botanica.org.br/trabalhos-cientificos/56CNBot/56CNBot-0570.pdf>>. Acesso em: Acesso em: 20 de mai de 2017

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 11. Ed. Rio de Janeiro: DPeA, 2006. 51 p

IDEA, Got. **Os Papéis de Nova York.** Blogspot. Boa Vista, 18 de jul de 2016. Disponível em: < <https://gotideablog.wordpress.com/2016/07/18/os-papeis-de-nova-york/>>. Acesso em: 20 de mai de 2017.

MARTINS, Elisângela. **Memória do Regime Militar em Roraima.** 2010. 222 p. Dissertação (mestrado em história) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010. Disponível em: < <http://ppgh.ufam.edu.br/attachments/article/214/Elisangela%20Martins%20Dissert%202010.pdf>> Acesso em: 20 de mai de 2017

MELO, Luciana Marinho de. **Populações Indígenas na Cidade de Boa Vista – Roraima: Dinâmicas Sociais e processos de (re)significação identitária em contexto urbano.** Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Universidade

NOVAIS, Nanci Santos. **Escultura e Cidade: Uma relação ampliada no âmbito da contemporaneidade.** In: *Cultura Visual*, nº 14, dezembro, 2010, Salvador: EDUFBA, p. 41-52. Disponível em: < <https://portalseer.ufba.br/index.php/rcvisual/article/viewFile/5094/3919>> Acesso em: 20 de mai de 2017

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima.** 2003. 378p. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esr c=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB>>

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.bc.ufr.br%2Findex.php%2Fteses-e-dissertacoes%3Fdownload%3D383%3Aa-heranca-dos-descaminhos-da-formacao-do-estado-deroraima&ei=5GB3VJT3D83jsATSyoL4BQ&usg=AFQjCNFbrpAn7bYh2eX7aFP4LpssUPiMew&sig2=SjLQg_hYF5zRsK-aTBByoeA>. Acesso em: 20 de mai 2017

SALES, Michel. **CIR pede justiça para mãe e bebê indígenas queimados enquanto dormiam.** *FOLHA WEB*. Boa Vista- RR, 25 de abril de 2017. Disponível em: <<http://www.folhabv.com.br/noticia/CIR-pede-justica-para-mae-e-bebe-indigenas-queimados-enquanto-dormiam/26764>> Acesso em: 19 de mai de 2017

SANTAELLA, Lucia. **O pluralismo pós- utópico da arte.** *ARS*, Ano 7, Nº 14. 200[?]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202009000200010>. Acesso em: 20 de mai 2017.

SANTIAGO, Isaque. **Indígenas sofrem preconceito na UFRR.** *FOLHA WEB*. Boa Vista- RR, 09 de jan de 2016. Disponível em: <<http://www.folhabv.com.br/noticia/Indigenas-sofrem-preconceito-na-UFRR/12925>>. Acesso em: 20 de mai 2017.

SILVA, Luciana Bosco. **Instalação: Espaço e Tempo.** Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escolas de Belas Artes, 2012. 243 p. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSS-8R8LVY/tese_pdf.pdf?sequence=1> Acesso em: 20 de mai 2017

SILVA, Ivete Souza da. **A Interculturalidade no Ensino de Arte das Escolas da Rede Pública Estadual de Boa Vista-RR.** Projeto de pesquisa. 2016.